

# A CRIAÇÃO VERBAL INOVADORA E ORIGINAL DE JULES LAFORGUE

Andressa Cristina de OLIVEIRA\*

**RESUMO:** Este artigo propõe-se mostrar aspectos da estética de Jules Laforgue, poeta simbolista francês, que fez uso de criações verbais tais como neologismos, arcaísmos, estrangeirismos que demonstram como foi inovador e moderno em seu tempo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Simbolismo francês. Laforgue. Criação verbal.

A célebre frase de Mallarmé (apud BALAKIAN, 1985, p.67) “não é com ideias que se fazem versos, mas com palavras” é aplicável à técnica poética de Jules Laforgue. Por meio de seu espírito criador, revela-se um verdadeiro *bricoleur* em matéria lexical. O poeta soube muito bem tirar proveito de suas frequentações artísticas, literárias e, sobretudo, de suas vastas leituras para enriquecer o vocabulário e para despertar seu gênio poético. Ainda, Laforgue sofreu a influência das teorias dos filósofos alemães, sobretudo as de Hartmann, acreditando que a criação estética é obra do Inconsciente. Ora, pode-se constatar que aquele que compõe sob a inspiração direta do Inconsciente, despreza comumente as regras da gramática e o uso do dicionário. Contudo, suas inovações poéticas parecem mais negligência que desprezo às normas, pois, em matéria de linguagem, Laforgue é um trabalhador muito consciencioso, até mesmo minucioso; seu desleixo, que visa criar a ilusão de espontaneidade, é o resultado de uma reflexão amadurecida.

O poeta consegue, mais de uma vez, desviar o leitor com seu culto ao insólito, que consiste em ora ignorar as regras convencionais da retórica, ora, ao contrário, a não aplicá-las muito bem. A “desautomatização” é elaborada em diversos níveis e constitui seu método mais frequente. Essas aspirações não significam que tenha

---

\* UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – Departamento de Letras Modernas. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – andressac@fclar.unesp.br

usado somente “fatos de estilo”, no sentido habitual da expressão, pois também utiliza a linguagem banal e enfadonha e os lugares comuns para prevenir o risco de automatismo lexical, fônico ou semântico.

Apesar de os escritores dos anos 1880 terem gozado de liberdade de linguagem quase completa, tratava-se, somente, de uma liberdade relativa, pois permaneceram mais ou menos ligados às convenções. O uso que Laforgue fez das criações verbais está além de uma proposta retórica nova, de concessões ao gosto então em voga, do dandismo literário, dos fenômenos da moda, pois ele é muito menos sistemático, muito mais pessoal e inaugura um dos aspectos fundamentais da linguagem moderna. Vale lembrar, também, que o século XIX, rico em invenções técnicas que acompanham a industrialização e a expansão comercial, é uma época de grande inserção de neologismos na língua.

De acordo com Aquien (2000, p.83-84),

*Au moment où paraissent Les Complaintes de Jules Laforgue, en 1885, la plupart des critiques, à part quelques articles favorables, lui reprochent l'obscurité de son langage [...]. Phénomènes de mode, arrêtés à la lecture, certes, mais l'usage que fait Laforgue des néologismes est plus que cela: c'est un usage beaucoup moins systématique, beaucoup plus personnel [...] Au moment où Laforgue entre en littérature, le milieu qui l'accueille voue à la langue un culte qui s'adresse tout particulièrement au vocabulaire, comme en témoignera, de manière légèrement parodique, la parution, en 1888, du Petit Glossaire pour servir à l'intelligence des auteurs symbolistes et décadents, écrit par Paul Adam sous le pseudonyme de Jacques Plowert et publié par le même Léon Vanier qui avait édité Les Complaintes trois ans auparavant. Toutes les activités de ces cercles littéraires et artistiques sont liées à un goût de la liberté et du renouvellement de la langue.*

De 1850 ao fim do século, a língua literária anexou muitos vocábulos provenientes de vários meios. Naquela época, a moda consistia na consulta aos dicionários: o *Littré* foi publicado em 1873, e em 1877, Darmesteter publicou *De la création actuelle des mots nouveaux dans la langue française*. Os irmãos Goncourt lançam a moda das palavras “inatas”. Paul Bourget escreve em uma “língua inventada” (SAKARI, 1974). Aquien lembra, ainda, que entre os simbolistas o gosto pela criação verbal se liga ao esoterismo de forjar, pela sintaxe, pelo vocabulário – arcaísmos ou neologismos- uma língua poética que difere da linguagem corrente. Mas, observa que, se Laforgue frequentou esses grupos literários, a partir de 1881, manteve-se à distância, na Alemanha, e mesmo se mantinha correspondência com os amigos, situou-se em limites que lhe são próprios e garantem sua originalidade.

Ao agir como neologista, o poeta pode criar vocábulos inéditos, de vida efêmera; mas também tem à disposição todas as camadas linguísticas do passado. Assim, pode lançar mão de arcaísmos, de empréstimos nas línguas estrangeiras, pois pertencem aos contrastes criadores de efeito que entram em uma síntese muito pesquisada, na qual se cotejam as formações neológicas, a sintaxe moderna e a terminologia técnica, a expressão da gíria ou a palavra rara e requintada. Com efeito, paradoxalmente, o neologismo ou palavra rara pode, em alguns casos, dar ao leitor uma impressão de obsolescência, fazendo com que o arcaísmo pareça neologismo. A surpresa e o destaque são os efeitos dos dois. O arcaísmo é um sucedâneo do neologismo. Também parece mais cômodo retomar palavras antigas do que criar palavras novas. Eis, dessa forma, um caso particular de sinonímia.

Também é interessante notar, como o faz Sakari (1974, p.226), que:

*Chez Laforgue, ce ne sont pas les 'fossiles' ou archaïsmes résiduels qui attirent notre attention. Leur vieillissement n'est pas perçu que par les érudits. En revanche, les archaïsmes d'un poète ont une fonction connotative dans leur contexte; il lui servent d'écriture artiste.*

Isso explica os múltiplos arcaísmos dos decadentes do século XIX, os quais vão ao encontro, de certa forma, dos Renascentistas, que preconizavam o empréstimo de palavras ao velho fundo nacional, em vista da *Défense et Illustration de la Langue Française*. Ao mesmo tempo, o arcaísmo aparecia como sinal de cultura livresca. E nesse sentido, é preciso salientar que esse elemento obsoleto foi usado com frequência para produzir efeito de ruptura, de ironia refinada.

Laforgue recorreu a lexemas de origem antiga latina, grega ou oriental. E alguns arcaísmos ainda mostram seu conhecimento das antigas camadas da língua francesa, como no emprego de “*malhûreux*”.

Os verbos formam o grupo mais importante entre os arcaísmos. Veja-se o caso de “*adombrer*”, que aparece na novela “*Salomé*”, da obra *Moralités Légendaires* – o contexto, com suas precisões barrocas e, sobretudo, o complemento eufêmico do verbo, contribuem para criar um tom irônico com tendência preciosa:

*Hermétiquement emmousselinée d'une arachnéenne jonquille à pois noirs, qui [...], s'attachant un peu plus haut que l'adorable fossette ombilicale en une ceinture de bouillonnés d'un jaune intense et jaloux, s'adombrait d'inviolable au bassin dans l'étreinte des hanches maigres, et venait s'arrêter aux chevilles [...]; elle vacillait sur ses pieds.* (LAFORGUE, 1996, p.133).

O verbo “*adombrer*” é derivado de “*ombrer*”. Ora, seria possível questionar, entretanto, se não se trata, para o autor, de uma derivação parassintética a partir

de “*ombre*”, formada pela adição combinada do prefixo latino *ad* e do sufixo verbal. Em todo caso, este verbo do francês medieval ainda é usado no século XVI, com o sentido de “*se masquer*”, “*se dissimuler*”, “*se couvrir d’ombre*”.

Ainda na novela “*Salomé*”, o verbo “*garuler*”, assim como seu derivado “*garulement*” são arcaísmos (“*Tout près, oh! quelque part, un bulbul dégorgeait des garulements distingués; bien loin, un autre lui répondait*” (LAFORGUE, 1996, p.134)).

Sakari (1974, p.232) explica que:

*Le dictionnaire de Huguet cite le verbe garruler au sens de ‘babiller’. C’est avec cette orthographe qu’il apparaît chez Verlaine: ‘alors que j’ai/mal agi, mal parlé, garrulé comme un geai’. Il y a pourtant lieu de signaler que le poème verlainien “Griefs” où garruler se trouve n’a paru qu’en 1896, dans le recueil intitulé Invectives. Dans son dictionnaire, Robert enregistre le substantif correspondant garrulité – envie constante de bavarder – tout en ajoutant la mention ‘peu usité.’*

Na passagem da mesma novela acima citada “[...] *elle se penche un instant, sa main devant les yeux, perscrutant l’horizon enchanté [...]*” – nota-se que a palavra “*perscrutant*”, derivada do verbo “*perscruter*” que, por sua vez, é um neologismo formado sobre “*perscrutation*” – “pesquisa aprofundada”. Esse substantivo derivado do latim *perscrutari* é inexistente nos dicionários modernos, mas *Littré* atesta seu uso na obra de Sainte-Beuve.

Laforgue ainda faz empréstimos em várias línguas estrangeiras assim como nos vocabulários técnicos – científico, litúrgico e popular. Embora possamos, de certa forma, assimilar esses empréstimos aos neologismos de forma e não de sentido, é melhor fazer deles uma categoria distinta. Convém distinguir os verdadeiros empréstimos dos “xenismos” que se relacionam às realidades estrangeiras. Uma parte dessas palavras já está dotada do estatuto de palavra francesa, enquanto outras permanecem desconhecidas do leitor médio.

Os escritores do século XIX criam, frequentemente, palavras francesas sobre temas latinos. Entre os latinismos de Laforgue, os adjetivos predominam nitidamente. Como já se sabe, não é sempre fácil distinguir latinismos de arcaísmos.

Uma invenção do poeta francês parece ser a palavra “*albe*”, sinônimo de “*blanc*”. Sakari (1974, p.237) diz que:

*[...] Passe encore son acception concrète: les icebergs sont comparés à “d’albes cathédrales”, de même que, par hyperbole, des rougeurs et un brave bouddhiste peuvent être albes,*

*à la limite. Par contre, “d’albes musiques” et surtout “d’albes atavismes” sont des impertinences dont la réduction linguistique pose quelque problème. Se rapportant à un inanime abstrait, ce latinisme rare a le sens de “qui a la pureté, la limpidité du blanc”. Je retracerai le sort de cet adjectif, qui n’appartenait qu’à la langue recherchée ou poétique. Il a connu une certaine vitalité [...], mais, qualifié rapidement de “quelque peu enfantin”, albe disparaît progressivement du vocabulaire du XIX e siècle. Laforgue, lui, va jusqu’à former un adverbe de son cru de cet adjectif d’origine latine: On s’est assis, allement, ivre de ces préludes.*

A sugestividade dos sons, em parte, inspirou Laforgue em numerosas expressões latinas que tem uma repercussão impressiva diferente daquela das palavras francesas correspondentes. Entretanto, seu valor evocador deve-se, sobretudo, a conotações históricas, litúrgicas ou literárias. Como são impressas em itálico, saltam aos olhos – *ad hoc, Aditi, Alleluia, angelus, a priori, aurea mediocritas, Ave Paris Stella, Crescite et multiplicamini, cumulus, cupio dissolvi et esse cum Christo, de profundis, Dies irae, et caetera, et nunc et semper, exaudi nos!, gloria in excelsis, illico, qualis...artifex...pereo, sustine et abstine, taedium laudamus,* etc.

A maior parte dessas locuções pertence à liturgia ou são citações históricas conhecidas. Normalmente, criariam um tom solene, contudo, na obra de Laforgue, estão frequentemente carregadas de um valor cômico e artificial, em relação ao contexto. É o caso da locução bíblica “*crescite et multiplicamini*”, carregada de zombaria:

*Et l’on monte processionnellement au Temple, vers les illuminés Jubés nuptiaux, les grandes orgues déchaînant déjà les **Hosannab!** et les **Crescite et multiplicamini!***

– *Savez-vous le latin? Demande Elsa.*

– *Comme ça; et vous-même? (LAFORGUE, 1996, p.103, grifo nosso).*

Podemos ver, ainda, uma substituição perniciosa, como em:

*On avait naturellement choisi ce lever de Première Pleine-Lune implacable et divine, pour la dégradation de la Vestale Elsa, place du Parvis Notre-Dame, toutes cloches carillonnant les glas de **Nox Irae**, en vue de la mer éternelle des beaux soirs (LAFORGUE, 1996, p.91, grifo nosso).*

No lugar de “*dies irae*”, há “*Nox Irae*”, de um culto noturno da Lua. A expressão é bastante ambígua – por um lado, Elsa é repreendida publicamente por ter violado seu juramento de Vestal, o que a torna imprópria ao culto e faz com que corra o risco de ser cruelmente punida – por outro lado, o enunciado é

o presságio de outra eventualidade: a cerimônia nupcial. Haveria, aí, uma alusão à ambivalência das relações entre os dois sexos, que comportam disposições afetivas contrárias como o amor e o ódio. Aqui, o poeta serve-se do equívoco, frequente em sua obra.

Como o grego antigo faz parte das humanidades clássicas, Laforgue serviu-se dele na novela “Hamlet ou les suites de la piété filiale”, fazendo ‘transliterações’.

*Une simple révolution rythmique des Mandarins du Palais avait porté le premier Tétrarque, infime proconsul romain, sur ce trône [...] gardé toutefois cet unique titre de Tétrarque, qui sonnait aussi inviolablement que Monarque, outre les sept symbolismes d'état attachés à la désinence **tetra** contre celle de **monos**.*

*[...] le palais tétrarchique n'était qu'un monolithe.*

*[...] Plusieurs personnes dignes de foi virent un éclair calligraphier **alpha** et **oméga**! [...] Et puis **alpha**, **oméga**, c'est bien élastique (LAFORGUE, 1996, p.123, grifo nosso).*

Laforgue também faz empréstimos em outras línguas estrangeiras. Serve-se de expressões italianas e, sobretudo, inglesas para refletir a cor local ou, simplesmente, para causar um efeito cômico. As expressões em língua inglesa são, na maioria das vezes, influenciadas por Shakespeare (*Alas, poor Yorick, animal spirits, at home, Good night, ladies; good night, sweet ladies! Good night, good night!; Hamlet, my little Hamlet; Holy, holy, holy, Lord God Almighty!; shocking; Words! words! words!; Bird's-eye; cold-cream; blackboulé, cottage, dandysme, steamer*, etc). Os italianismos são menos numerosos (*a giorno, concetti, danno et vergogna, del diavolo, descrecendo, furioso, ralentendo, farà da se, ritardendo, signor presidente, e più tu ridi perchè taci e sai*, etc).

O poeta francês procura também empréstimos em outros domínios, utilizando o jargão da filosofia (*Inconscient, Inconscience, Idéal, Volonté, Absolu, Néant, Infini*, etc); da medicina (*encéphale, hydrocéphale, lymphatique, ophtalmique...*); da liturgia católica (*kyrie, offertoires, oraisons, litanies, magnificats, stabat*, etc).

A profusão de todos os tipos de artifícios populares, até mesmo de vulgarismos, visa corromper a linguagem poética usual e ironizar os românticos e parnasianos. Dessa forma, pode-se encontrar expressões como *ma bell', bobo, fière bosse, charogn's, crampon, les femmes décatís*, etc.

A homofonia parcial das palavras é uma fonte constante de jogos verbais na obra de Laforgue – na novela “Salomé” podem-se ver vários exemplos:

*O latitudes, altitudes, des Nébuleuses de bonne volonté aux petites méduses d'eau douce, faites-moi donc la grâce d'aller pâturer les vergers empiriques. O passagers de cette Terre, éminemment idem à d'incalculables autres aussi seules dans la vie en travail indéfini d'infini [...] Et ce ne seront pas des expédients à expiations et rechutes (LAFORGUE, 1996, p.146-147, grifo nosso).*

O processo de criação de neologismos dá-se por sufixação (*exorbitance, arbrillon, créaturette, mondicule, sanguinolance, fécondeur, feuilletteur, obérateur, pinturlureur, fossoyeux, fuyeuse, clapisement, fugivité, jobardise, pigrite, quotidienneté, argutial, obeliscal, salamboen, montépinesque, sofalesque, fausteux, responsableu, rondement, sacerdotalement, séculièrement, sexciproquement*, etc); por prefixação (*archicéleste, auto-litanie, ex-ciel, interreur, supersolitaire, refuite, s'in-Pan-filtrer*, etc); por meio de formação parassintética (*déchrysalider, déprovincialiser, désespleeniser, emousselinier, emparadiser, enflaquer, hyper-tainiser, sous-sainte-beuviser*, etc); por meio de composição (*colombineticide, nervicide, fébrifuge, félibrifuge, anomaliflore, féminiculture, hymniclame, lunologue, séléologue, faculté-maîtresse, nébuleuse-mère, violet-gros-deuil, moi-le magnifique, mot-d'ordre-Evohé*, etc).

Esses exemplos de inovação na linguagem poética de Laforgue não se esgotam aqui. Embora o poeta tenha se orgulhado de “fazer o original a qualquer preço”, isso não significa que evitou as locuções estereotipadas. Pelo contrário, serve-se delas abundantemente, ou tais quais são, ou adaptando-as de acordo com diferentes necessidades por meio de procedimentos de renovação.

A guisa de conclusão, vê-se que Laforgue alcançou os caracteres de uma nova linguagem poética que anuncia a linguagem da poesia moderna: zelo pela densidade, leveza das justaposições e dos choques de palavras, elasticidade do significante. É um dos primeiros poetas a colocar as palavras em liberdade e a maneira pela qual se serve de inovações linguísticas faz parte dessa liberdade. Como tal, fez escola e, dessa forma, foi mais “moderno” do que poderia ter pensado.

## ***The renew and original verbal creation of Jules Laforgue***

**ABSTRACT:** *The aim of this paper is to show some aspects of the aesthetic of Jules Laforgue, French symbolistic poet, who used verbal creations such as neologisms, archaism, foreignism revealing how creative and modern he was in his period.*

**KEYWORDS:** *French Symbolism. Laforgue. Verbal creation.*

## REFERÊNCIAS

AQUIEN, M. Les néologismes de Laforgue dans Les complaints. In: DELAS, D.; GAUDARD, F. C. **Les complaints**: Jules Laforgue. Paris: Ellipses, 2000. p.83-93.

BALAKIAN, A. **O simbolismo**. Tradução de José Bonifácio A. Caldas. São Paulo: Perspectiva, 1985.

LAFORGUE, J. **Moralités légendaires**. Paris: Fleuron, 1996.

SAKARI, E. **Prophète et Pierrot**: thèmes et attitudes ironiques dans l'oeuvre de Jules Laforgue. Jyväskylä: L'université de Jyväskylä, 1974.

